

Reportagem Especial

Industrialização no campo impulsiona Norte do RS

Cotrijal, Cotripal e Cotrisal anunciaram neste ano o investimento de R\$ 1,25 bilhão em Cruz Alta, na Região Alto Jacuí

Eduardo Torres

O recorte Norte do Rio Grande do Sul, a partir do Alto Jacuí, concentra o maior potencial agrícola do Estado, e quem atua nesta região sabe que, para seguir avançando em competitividade, é preciso agregar valor e verticalizar cada vez mais a produção. É com essa perspectiva que as cooperativas Cotrijal, de Não-Me-Toque; Cotripal, de Panambi; e Cotrisal, de Sarandi, anunciaram este ano o investimento de R\$ 1,25 bilhão em Cruz Alta, no Alto Jacuí, para erguer a Soliz, indústria que será dedicada ao processamento de soja em farelo e produção de biodiesel a partir dos grãos colhidos pelos seus associados.

“Precisávamos industrializar para ganhar valor na nossa produção e garantir ganho adicional aos produtores. Hoje, todas as indústrias de processamento de soja têm balanço positiva nas operações. Encarar essa empreitada com uma cooperativa só seria muito difícil, então, buscamos experiências de associação”, conta o presidente da Cotrisal, Walter Vontobel, que está à frente da Soliz neste primeiro ano.

Somente neste ano, as três cooperativas devem desembolsar R\$ 250 milhões no projeto, que está em fase de licenciamento. De acordo com Vontobel, a perspectiva é de iniciar as



Soliz irá processar soja em farelo e produzir biodiesel

obras em janeiro de 2026, com o planejamento de ter a Soliz pronta em dois anos a partir do início da construção.

A escolha de Cruz Alta não foi aleatória. Para entrar em um setor tão competitivo nesta macrorregião, era preciso garantir diferenciais. E a logística pesou. É a partir da cidade que está estabelecido o principal ramal ferroviário gaúcho em direção ao Porto de Rio Grande. Entre os aportes previstos está a obra de desvio de 4 quilômetros da linha para que ela passe pela nova planta industrial.

Com capacidade para processar 3 mil toneladas de soja por dia, totalizando cerca de 1 milhão de toneladas por ano, a Soliz consumirá em torno de 40% da produção de soja das três cooperativas a cada safra. Gerando, a partir dos processos de esmagamento dos grãos, além de biodiesel e farelo, glicerina e casca de soja peletizada. O cálculo, conforme Vontobel, é de que 60% do farelo produzido ali terá destino na exportação. O biocombustível é destinado ao mercado interno.

E as cooperativas ainda terão a vantagem logística do transbordo da soja em grão para o transporte ferroviário até a exportação.

Não à toa, individualmente, cada uma das cooperativas garante expansão neste ano. No caso da Cotrisal, que reúne 13 mil produtores em 40 municípios, a prioridade está na armazenagem de grãos. Dos R\$ 60 milhões previstos em 2025, metade é destinada a isso, com uma nova unidade em Humaitá. Hoje, a cooperativa tem capacidade de armazenar 1,2 milhão de toneladas de soja.

Na Cotrijal, houve desembolso de R\$ 38 milhões para garantir uma nova unidade de recebimento e armazenagem de grãos no Vale do Rio Pardo. A cooperativa conta com 17 mil produtores e tem 1,2 milhão de toneladas em capacidade de armazenamento. E na Cotripal, está em construção uma nova unidade de recebimento de grãos em Boa Vista do Cadeado, no Alto Jacuí. Ao todo, a cooperativa investe R\$ 90 milhões em 2025.

Processamento de soja e cultivo de girassol

Em Erechim, a Vaccaro Indústria inaugurou, com investimento de R\$ 110 milhões, uma nova indústria para o processamento de soja, abrangendo recebimento, secagem, armazenagem e transformação dos grãos em farelo de soja convencional, casca de soja e óleo de soja degomado de alta qualidade.

A empresa já atuava com armazenagem e negociação de grãos de soja. Para o seu novo complexo, porém, foram

instalados três dos maiores silos metálicos verticais da América Latina, cada um com capacidade para 310 mil sacas de grãos. A capacidade total de armazenagem em Erechim saltará para 150 mil toneladas de soja. A maior parte da matéria-prima será adquirida diretamente dos produtores parceiros da Vaccaro, que fornecem grãos para 22 unidades de recebimento do grupo no RS.

Já a Celena Alimentos, que produz os óleos das marcas

Violeta e Lilás, avança em uma nova direção: o estímulo à produção de grãos de girassol. Com suas equipes técnicas apoiando os produtores, Giruá lidera a área de cultivo do novo grão no Estado e, segundo a empresa, as lavouras acompanhadas apontam aumento de produtividade. O produto também tem se mostrado altamente eficiente, chegando, no processamento da Celena, a 42% de teor médio de óleo no grão.

3tentos aposta na produção de biodiesel com canola em Ijuí

O avanço na verticalização da produção rural vai além da soja. Em Ijuí, no Noroeste Colonial, a 3tentos inova na sua planta de produção de biodiesel. Além do processamento da soja, que também é realizado pela empresa em Cruz Alta, a planta industrial do Noroeste também será capaz de gerar combustível a partir da canola já no final deste ano. A projeção da 3tentos é fechar o ano saltando da atual capacidade de produzir 850 mil litros para 1,5 milhão de litros de biodiesel por dia entre as duas indústrias gaúchas.

“A nossa aposta na canola, como uma cultura de inverno viável, tem como objetivo rentabilizar os produtores e garantir um produto mais eficiente. A canola tem o dobro da capacidade de geração de óleo por grão em relação à soja”, explica o diretor de operações da empresa, João Marcelo Dumoncel.

Já neste ano, a 3tentos fomentou 50 mil hectares de canola no Estado. Uma oportunidade que aumenta o estímulo aos produtores para uma mudança – e ainda maior fortalecimento deste recorte do Rio Grande do Sul – no campo, com a consolidação de uma segunda safra, que já é realidade no restante do Brasil. Aqui, enquanto são plantados em torno de 9 milhões de hectares no verão, no inverno, a área plantada representa um terço disso.

A chegada de um novo potencial comprador para o grão de inverno, com uma atividade de maior valor agregado como

o biodiesel, atrai a atenção da Coopatrigo, de São Luiz Gonzaga. A cooperativa foi pioneira no cultivo da canola. Há mais de 10 anos o cultivo do grão é estimulado e financiado pela cooperativa, com o fornecimento de sementes, fertilizantes e assistência técnica – além da garantia de mercado. Hoje, o município das Missões é líder na produção de canola, e também de trigo, no Rio Grande do Sul.

“O produtor tinha receio, mas é uma cultura em crescimento para se firmar como uma lavoura de inverno rentável, e com a confirmação de mais uma indústria com potencial de alta demanda na região para a moagem, junto com a soja, aumenta a segurança e amplia as opções para o produtor. É diferente do trigo, que sofre com muita variação e não tem avanço na indústria”, explica o presidente da Coopatrigo, Paulo Pires. Com 12 mil associados em 18 municípios, a cooperativa responde por 35 mil do total de 200 mil hectares plantados de canola na última safra.

Um projeto que iniciou a partir de uma parceria com a Celena Alimentos, indústria de Giruá, também nas Missões, que produz óleo de cozinha a partir dos grãos e, assim como a 3tentos, avança na verticalização rural da região. Investe neste ano na ampliação da sua capacidade de receber canola na planta industrial gaúcha para produzir óleo e também farelo de canola. Conforme a Celena, o eixo noroeste gaúcho já é o seu maior polo produtor de canola no País.

Empresa de Lagoa Vermelha produz aveia e granolas

São mais de 100 diferentes rótulos e 8 mil clientes no varejo em todo o Brasil comercializando diretamente a marca Naturele ou empacotando os produtos à base de aveia produzidos na empresa de Lagoa Vermelha, no Nordeste do Estado. “Hoje somos o segundo maior da Região Sul e o quinto do País na produção de granolas e aveias”, explica o diretor comercial da empresa, Cristiano Dolzan.

A ideia de verticalização no ciclo produtivo da aveia começa no campo. O pai de Cristiano criou a empresa e a produção vem desde o avô.

A Naturele criou uma rede com mais de 100 produtores

rurais parceiros, que vão desde as Missões até a Região Nordeste do RS. De acordo com o diretor, no momento em que um produtor assina o contrato com a Naturele, inicia o acompanhamento técnico por parte da empresa, seguindo um protocolo que exige o uso mínimo de defensivos agrícolas.

A fábrica ocupa 10 mil m², e há outros 5 mil m² dedicados ao armazenamento de grãos. Com 230 funcionários, a empresa investe R\$ 10 milhões na ampliação das linhas de aveias, nuts e barras de proteína. A expectativa é ampliar em 25% a atual capacidade de produção de 40 mil toneladas de aveia processada.